

THE CRACK-UP

Fevereiro de 1936

Toda a vida é, sem dúvida, um processo de demolição, mas os golpes que levam a cabo a parte dramática da tarefa — os grandes golpes súbitos que chegam, ou parecem chegar, de fora —, aqueles que recordamos e a que atribuímos a culpa das coisas, e dos quais, em momentos de fraqueza, falamos aos amigos, não revelam imediatamente os seus efeitos. Há outro tipo de golpes, que vêm de dentro, que não detectamos senão quando é demasiado tarde para fazermos seja o que for, senão quando nos damos irremediavelmente conta de que, de certo modo, não voltaremos a ser como antes. O primeiro tipo de demolição parece produzir-se com rapidez — o segundo tipo produz-se quase sempre sem darmos por isso, até que repentinamente ali está, de facto.

Antes de continuar esta pequena história, seja-me permitida uma observação genérica: a prova de uma inteligência de primeira grandeza é a capacidade de manter no espírito, ao mesmo tempo, duas ideias opostas, conservando também a capacidade de funcionar. Deveríamos, por exemplo, ser capazes de ver que as coisas são inevitáveis e de manter a decisão de as transformar. Esta filosofia condizia bem com os meus primeiros anos de vida adulta, durante os quais vi o improvável, o inverosímil e, muitas vezes, o “impossível” realizarem-se. A vida era qualquer coisa que podia ser dominada por quem valesse alguma coisa. A vida cedia com facilidade perante a inteligência e o esforço, ou à proporção que deles fôssemos capazes de assumir. Ser um homem de letras bem sucedido parecia uma aventura romântica: eu nunca seria tão famoso como uma estrela de cinema, mas fosse qual fosse o nome que conseguisse fazer, seria provavelmente mais duradouro; nunca chegaria a ter o poder de um homem armado de sólidas convicções políticas ou religiosas, mas seria,

sem dúvida, mais independente. Claro que, na prática da minha profissão, me sentiria sempre insatisfeito... mas a verdade é que, pelo meu lado, não teria escolhido outra.

Enquanto corriam os anos 20, com os meus próprios vinte anos um pouco adiantados sobre eles, os meus dois desgostos juvenis — não ser suficientemente alto (ou suficientemente bom) para fazer parte da equipa de futebol na universidade e não ter sido enviado para o outro lado dos mares durante a guerra — resolveram-se em fantasias infantis de heróis-mos imaginários, que tinham pelo menos a utilidade de me ajudar a adormecer nas noites de inquietação. Os grandes problemas da vida pareciam encontrar solução por si próprios, e, de resto, a tarefa de os resolver era tão fatigante que tornava difícil pensar em problemas mais gerais.

A vida, há dez anos, era em larga medida um assunto pessoal. Via-me obrigado a equilibrar o sentimento da inutilidade do esforço e o da necessidade de lutar; a convicção da inevitabilidade do fracasso e a decisão de “vencer”, e, mais do que tudo isto, a contradição entre a influência opressiva do passado e os altos propósitos do futuro. Se o conseguisse, no meio das adversidades correntes — domésticas, profissionais e pessoais —, o meu *ego* continuaria a ser como uma flecha disparada do nada para o nada com tal força que só a gravidade poderia mais tarde fazê-la cair por terra.

Durante dezassete anos, com um de permeio de deliberada ociosidade e repouso, as coisas mantiveram-se assim, enquanto uma nova tarefa era uma perspectiva agradável para o dia seguinte. Vivia sem me poupar, mas: “Até aos quarenta e nove anos, correrá tudo bem”, dizia eu de mim para mim. “Posso contar com isso. E um homem que vive como eu, não pode pedir mais”. Foi então que, dez anos antes dos quarenta e nove, me dei conta de ter rachado prematuramente.

II

Pois bem, um homem pode rachar de muitas maneiras: pode ser a cabeça a rachar, caso em que os outros o despojam do seu poder de decisão; pode ser o corpo, e terá, então, de se resignar ao mundo branco do hospital; ou podem ser os nervos a causar a racha. William Seabrook, num livro pouco simpático, conta, com certo orgulho e em jeito de final de filme, como se transformou num encargo para a assistência pública. O que o levou ao alcoolismo ou o acompanhou, foi um colapso do sistema nervoso. Embora o autor destas linhas não estivesse afectado no mesmo grau — na época, havia seis meses que não tocava sequer num copo

de cerveja —, os seus reflexos nervosos deterioravam-se. À força de demasiada raiva e demasiadas lágrimas.

Por outro lado, para voltar à minha tese da ofensiva variável que é a da vida, a percepção da abertura da racha não se deu ao mesmo tempo que o golpe, mas durante uma fase de trégua.

Não muito antes, sentado no consultório de um grande médico, fora-me ditada uma sentença grave. Com o que retrospectivamente se diria uma certa equanimidade, continuara a tratar dos meus assuntos na cidade onde então vivia, sem me preocupar muito, ao contrário do que os livros costumam descrever — sem pensar naquilo que fizera ou não fizera, ou no que seria disto ou daquilo que entretanto dependia de mim; tinha um bom seguro e, fosse como fosse, cuidara mediocrementemente de quase tudo o que eram as minhas responsabilidades, sem excluir o meu talento.

Mas senti subitamente, com uma força instintiva, que tinha de estar só. Não queria ver fosse quem fosse. Já vira gente de mais durante toda a minha vida — a minha sociabilidade era média, mas tinha uma tendência acima da média a identificar-me, a identificar as minhas ideias e o meu destino com os de toda a espécie de gente com quem convivia. Estava sempre a salvar ou a ser salvo — numa só manhã atravessava todas as emoções que se poderiam imputar a Wellington em Waterloo. Vivia num mundo de adversários insondáveis e de inalienáveis amigos e apoiantes.

Mas agora queria estar absolutamente só e arranjei, portanto, as coisas de maneira a manter-me até certo ponto afastado das preocupações habituais.

Não foi um período infeliz. Afastei-me e as pessoas passaram a ser menos. Descobri que estava realmente extenuado. Podia passar o tempo deitado e sentia-me bem assim, dormindo ou dormitando, por vezes vinte horas por dia, e, durante os intervalos, esforçando-me decididamente por não pensar: em vez de pensar, fazia listas, fazia listas e rasgava-as, centenas de listas: de comandantes de cavalaria, jogadores de futebol e cidades; de cantores populares e *pitchers* de beisebol; de dias felizes, amizades e casas onde vivera; dos fatos que tivera desde que deixara o exército e dos pares de sapatos (não contava o fato que comprei em Sorrento e que encolheu, nem os sapatos, nem a camisa de cerimónia e o colarinho engomado, que arrastei de um lado para o outro durante anos sem nunca os usar, porque os sapatos tinham apanhado humidade e perdido o verniz e a camisa e o colarinho tinham ficado amarelos e podres de goma). E listas das mulheres que me tinham agradado e das ocasiões em

que me deixara inferiorizar por pessoas que não tinham mais personalidade nem mais dotes do que eu.

E, depois, para minha surpresa, melhorei.

E, assim que o soube, ali estava a racha, como num velho prato velho muito usado.

E é aqui, na realidade, que esta história acaba. O que vier ainda a fazer terá de se apoiar doravante naquilo a que se costumava chamar o “útero do tempo”. Até lá, basta dizer que, ao fim de meia-hora a abraçar solitário a almofada, comecei a dar-me conta de que, durante dois anos, a minha vida fora um desperdício de recursos que, na realidade, eu não possuía, que acabara por hipotecar-me física e espiritualmente até ao pescoço. Que era o pequeno dom de vida que me fora devolvido por comparação com isso — enquanto outrora me orgulhara do governo da minha vida e me sentira certo de que a minha independência se manteria?

Compreendi que durante esses dois anos, a fim de preservar alguma coisa — talvez um certo sossego interior, sim, ou talvez não —, pusera de parte todas as coisas que amava, que cada momento da vida, desde o lavar os dentes de manhã até ao jantar com um amigo, se transformara num esforço. Compreendi que durante muito tempo não gostara nem das pessoas nem das coisas, mas me limitara, melhor ou pior, maquinalmente, a fazer como se. Compreendi, mais ainda, que o meu amor pelos que me estavam mais próximos se reduzira a uma tentativa de amor, do mesmo modo que as minhas relações informais — com um editor, um vendedor de tabacaria, o filho de um amigo — se resumiam ao que, de outros tempos, eu recordava que *deviam* ser. Um mês bastou para que se me tornassem insupportáveis coisas como o som da rádio, os anúncios das revistas, o ruído dos carris do comboio, o silêncio de morte dos campos — sentia-me cheio de desprezo pela brandura humana, de um ressentimento imediato (se bem que escondido) perante o esforço; odiava a noite porque não conseguia dormir, e odiava o dia porque o dia corria para a noite. Passara a deitar-me sobre o coração para adormecer, porque sabia que, quanto mais depressa o cansasse, por pouco que fosse, mais depressa chegaria essa hora abençoada do pesadelo que, como uma catarse, me permitiria enfrentar o novo dia.

Havia certos lugares, certos rostos que podia olhar. Como a maior parte dos que vêm do Middle West, nunca tivera mais do que preconceitos raciais muito vagos — sempre tivera uma fraqueza secreta pelas adoráveis escandinavas louras sentadas nas varandas de St. Paul, mas nunca alcançara o desafio económico necessário para frequentar a sociedade

de então. Eram demasiado delicadas para estarem à venda, e tinham chegado havia muito pouco tempo ainda da província rural para terem um lugar ao sol, mas lembro-me de dar a volta a quarteirões inteiros só para entrever por um segundo os seus cabelos cintilantes — o fulgor luminoso de uma rapariga que nunca chegaria a conhecer. Tudo isto é conversa barata, pouco elegante. Conversa que esconde o facto de nos últimos tempos eu não poder ver nem celtas, nem ingleses, nem políticos, nem estrangeiros, nem naturais da Virgínia, nem negros (pouco ou muito retintos), nem caçadores, nem caixeiros, nem clientes em geral, nem a sombra de um escritor (evitava cuidadosamente os escritores porque eles alimentam os problemas como ninguém) — nem esta ou aquela classe de gente no seu conjunto, nem a maior parte das pessoas enquanto membros do conjunto desta ou daquela classe de gente...

Tentando agarrar-me a qualquer coisa, gostava de médicos e de raparigas pequenas até à idade de mais ou menos treze anos e de rapazinhos bem educados a partir dos oito anos. Junto das pessoas destas categorias pouco numerosas, sentia-me feliz e em paz. Estava a esquecer-me de acrescentar que gostava de velhos — de homens com mais de setenta anos, e, nalguns casos, só com mais de sessenta, quando os seus rostos pareciam marcados pelo tempo. Gostava do rosto de Katharine Hepburn no ecrã, sem me preocupar com o que se dizia do seu snobismo, e do rosto de Miriam Hopkin, e de velhos amigos — contanto que não os visse mais de uma vez por ano e pudesse evocar os seus fantasmas.

Não será tudo isto bastante inumano e muito fraco como alimento? Com certeza. Mas a verdade, meus filhos, é que são estes os sinais que anunciam a racha.

Não é quadro que pinte uma imagem agradável. Como era inevitável, acabou por ser transportado, na sua moldura, de um lado para o outro, e submetido à apreciação de vários críticos. De um destes últimos, só pode dizer-se que é uma pessoa cuja vida faz com que as vidas dos outros pareçam mortas, e assim foi até mesmo ao interpretar junto de mim o papel em geral pouco atraente de carpideira de Job. Apesar de toda esta história estar já contada, gostaria de transcrever aqui a nossa conversa, à maneira de *post-scriptum*:

— Em vez de teres tanta pena de ti próprio, escuta — disse ela. (Está sempre a dizer “escuta”, porque, enquanto fala, pensa — pensa *realmente*.) E disse depois: — Escuta. Vamos supor que não foi em ti que se abriu uma racha; suponhamos que foi no Grand Canyon que a racha se abriu.

— Foi em mim que a racha se abriu — disse eu, heroicamente.